

TEORÉTICA CABOCLÁ DA FILOLOGIA CLÁSSICA

Mateus-Maria Guadalupe

Parece que, sob o flagelo dêsses dois demônios, talvez só no sentido grego, que são o J. J. e o Agostinho, me estou arriscando a entrar num gênero de lembranças algum tanto diferente daquele que até agora me tem cabido e que alguns leitores, correntemente assíduos e, além disso, fiéis, têm considerado, com muita bondade, como de algum interesse. Se, pelo que já está escrito ou publicado, poderia continuar a afirmar-se que as minhas memórias são afinal o registo não propriamente do que se passou comigo, pois me figuro como que imune a acontecimentos, mas do que sucedeu com pessoas às quais muito simplesmente estive presente, nesta esquina de história, que afinal do mundo é, talvez se me abra outro caminho, o de estar assistindo não tanto a gente como a idéias. Parafraseando um dito meu já envelhecido, escreveria agora que não estou passando na vida de gente, estou passando nas idéias de gente.

Isto de certo me aparenta a Platão, se é que o seu gênio dramático, ainda não estragado ou desviado, vamos ser estritamente científicos, pela política, não inventou tudo, inclusive a si próprio. Então o que eu deveria fazer, já se sabe que dentro das minhas possibilidades, que poderão ser muitas mas não incluem nunca a de fingir, seria, como o Grego, de ir tramando meus diálogos, numa representação, o mais segura que me fôsse dado, da verdade, e pôr aqui o que foram dizendo os dois, nessa manhã de Itapoã. Num ponto, porém, seria diferente dos primeiros diálogos platônicos, os quais, segundo os eruditos, a que ouso juntar minha observação pessoal que os confirma, nunca chegam a nenhuma espécie de conclusão, ou porque o pensador as não tinha ainda, ou porque era nisto fiel a seu Mestre, o qual achava que filosofia consistia em perguntar, não em responder; nos meus diálogos dos dois Amigos haveria uma coisa muito mais interessante: a de a conclusão estar no princípio. Creio mesmo que tudo assim se passa: o que lhes aparece primeiro é a conclusão; depois vão apresentando com muita lógica os argumentos que a provam e, como acontece na maior parte das vezes que a conclusão com que principiam é a mesma, o dialogar entre êles é apenas, não o tecer de um pano, mas o seu examinar ao microscópio, o que me diverte muito por causa das minhas entomologias; não fazem mais do que desenrolar tecido; mas gostam muito de dar a impressão de que estão tecendo, o que suponho os tem feito classificar por muita gente como perfeitos tipos de racionalista. E bom problema filosófico seria êste de saber se não vão todos os racionalistas

pelo mesmo caminho, e se não são afinal os outros, os intuitivos ou místicos ou o que se lhes queira chamar aquêles que efetivamente se mantêm perante o real com humildade, discreção e bom tempo de espera.

Já me estou, porém, como é meu desastrado hábito, metendo pelo que não sei, ou só de ouvido conheço. Para voltar ao firme terreno que é digno de meus caminheiros pés de cientista, direi que a conversa se passou logo adiante dos barzinhos de Itapoã, num trecho de praia em que os coqueiros avançam até o mar, o qual é aí singularmente represado, verde e cinza, com uma ondulação já quebrada na linha dos recifes e chapina na primeira areia branca e fina com uma docura de pequeno lago ou aquela rítmica ruga com que, no protegido da margem, marcam sua ainda vida mansos regatos de plaino. Lugar para que se estenda quem sente alguma fadiga do mundo e só fique, seguro de que não passará quase ninguém, pois todo o movimento se faz pela estrada atrás dos coqueirais, olhando, ou aquêle familiar e humilde limite de terra e água, ou aquêle mais longe, que nunca é, de céu e mar.

Aí, pois, nos pareceu que era bom pôrto para lançar ferro. Os dois, que são filósofos, se acomodaram logo de qualquer modo na maciez da areia, pouco se importando com o trabalho que lhes daria depois escovarem-se para voltarem à cidade, se é que tencionavam escovar-se. Eu, sempre prudente, e homem de sorte, me sentei em osso de baleia, que classifiquei como devia, embora se não tratasse de homóptero, como logo me notou J. J.: fragmento da mandíbula inferior direita.

Assim sendo, e por não vir nada a propósito, disse um dos dois que a filologia clássica em Portugal não valia nada. Ousei contestar, lembrei obras e nomes, prudentemente calando o Viale, que lhes seria logo vítima e de cujo sangue cobririam o campo adverso. Mas de qualquer modo lhes disse que havia em Portugal quem estivesse perfeitamente a par da bibliografia estrangeira sobre o assunto, quem escrevesse trabalho que poderia sem travas correr em Oxford ou Heidelberg e ainda por cima, o que me parece, a mim leigo, o último limite das fôrças humanas, quem pudesse escrever num latim que, pelo que me é dado entender, é excelente e até num grego que de certo poderá ser da mesma alta qualidade. Pois sabeis o que aconteceu? Desdenharam os dois. Disseram que escrever grego e latim, hoje, é um entretenimento de quem não tem nada que dizer em sua própria língua, um matar de tempo de sobreviventes das Academias do século XVII, um artifício que vive de imitações e que, além de tudo, escrever, e até falar, que ainda é mais proeza, grego ou latim era corrente para os imbecis que Sócrates confunde nos diálogos, Aristófanes, para lhe citar adversário, ridiculariza nas comédias, Plauto corre a pontapé

por suas farsas e acabam, num riso que até produz melancolia, por quanto anunciaava o fim de tudo, no *Satíricon* de Petrônio, se é de Petrônio, de outro qualquer, se é de outro qualquer.

Enterrados assim os humanistas de escrever e falar, nem levantei a voz para um defender de estudos ou de críticas, porque o J. J. limpou com um revés de mão os riscos que traçara na areia, riscos sempre retos, como quem é, e sentenciou:

— Nada vale nada. E no Brasil o que se passa é o mesmo. Aparece um ou outro que efetivamente não ficaria mal numa Universidade da América ou da Itália ou de qualquer outra dessas coisas, mas o que produz é nada, perde na corrente do que se faz lá fora; soa estrangeiro, vocês sabem? E a respeito de escola coisa nenhuma; nunca tem discípulos, nunca ninguém o continua. O que nasceu com êle morre com êle.

— Então o que se tem de concluir — aventurei eu, — é que a nossa gente não tem jeito para a filologia clássica e não se fala mais nisso.

— A nossa gente tem jeito para tudo. O que se deu foi que a filologia clássica se inventou e desenvolveu em países que não têm nada que ver com Portugal ou o Brasil, que vão por caminhos inteiramente diferentes; o que da invenção dêles entrou para êstes lados tem tanto que ver com a realidade profunda dos países e dos povos, os nossos, claro, como o absolutismo real ou o parlamentarismo, como o idealismo ou o materialismo, como o capitalismo ou o socialismo. Tôdas essas idéias são dêles, só dêles, e com êles deveriam ter ficado. O nosso fundo de pensamento e a nossa verdadeira forma de proceder não têm nada que ver com isso. Somos outros e é êsse ser outros que ainda não entrou nem na nossa educação, nem na nossa vida, nem até, o que é muito mais grave, nos nossos ideais. Conquistaram-nos, ocuparam-nos uma vez e nunca mais nos libertámos. E, no momento em que tôda essa gente se arrasta pela decadência e entra cada vez mais por caminhos que não terão saída alguma, nós não encontramos ainda fôrças para nos libertarmos. A nossa filologia não é nossa, é dêles; como é a dêles a nossa economia, como é a dêles a nossa política ou a nossa escola. Tudo estrangeiro, tudo roupa feita, tudo à medida dêles, não à nossa.

J. J. estêve logo de acôrdo, pois já estava de acôrdo. Até ganhou ânimo para fazer novos riscos na areia, mas quando perde êle o ânimo? E ficou fazendo seus riscos enquanto Agostinho falava da filologia pelas Europas, já que a da América lhe parece apenas pura continuaçâo do que se fêz de Inglaterra à Itália. Para começar pela primeira, para começar eu, que talvez êle, na

conversa, tivesse ido logo a seu mais dileto adversário, a douta Alemanha, asseverou que os ingleses nunca viram na filologia clássica mais do que o terreno de eleição para um jôgo de inteligência, de crítica, de pedantismo, de ironia e de segurança; limitado pela derrocada do mundo antigo a um estado de antologia, selecionado pelos milhares de eruditos que o têm percorrido em todos os sentidos, enriquecido pelas interpretações de um mundo que não ficou parado no domínio da especulação e da criação, o campo da antiguidade clássica permite aos ingleses algumas das atividades que mais amam: o encostar-se à realidade, documentando o mais possível, fugindo o mais possível de qualquer teoria; o poder apresentar comportamentos novos à sombra da mais intocável antiguidade; o encontrar nos clássicos segura casca de proteção para a sua real timidez; algum sol de Mediterrâneo e alguma confortadora genealogia de palavras.

— E até — concedeu êle — alguma indefinida consciência de que foram mediterrânicos, pelo menos no megalítico, e algum remorso disfarçado em ironia e indiferença de terem ido para o lado da Europa, em lugar de terem ficado aliados fiéis de quem primeiro lançou uma frente contínua sobre mar; assim já como um cais de partida para a futura unidade do mundo.

De Inglaterra, se não passou êle, passarei eu à Alemanha, que me apetecia ver logo o que faria dos doutos filólogos germânicos, ali estendido naquelas areias, mas sempre de paletó e gravata, e tendo jeito de lembrar, por uma comparação de ondas e nuvens, que já estivera nas Fidji. Coisas de neófito: se tivera calcurriado tanto como eu, lembraria menos nomes de terras, e as acharia bastante iguais, pois não é o simples deslocar-se que nos torna diferentes do que somos. Revertendo, porém, como diria o Bruno, destruiu a filologia alemã; não concedeu que sábio algum, ou algum dos criadores que também por aí andaram, tivesse feito mais do que tentar com a Grécia, porque no fundo, por motivos franceses, ou talvez recordando Canossa, sempre desprezaram Roma, uma fuga daquela Alemanha que reconheciam, por dentro e por fora, tão sombria, melancólica, áspera e selvática como a pintou, apesar das intenções, o velho Tácito.

Não podia J. J. ter deixado de interromper para citar abundantemente seu favorito autor; não falseou as citações, claro; mas, no fim de tudo, me perguntava eu se ainda se poderia apresentar a *Germânia* como um panfleto contra Roma. Estou em crer que Tibério não era o degenerado, mas Tácito; como não via êle que, quaisquer que fossem as inferioridades reais ou supostas de costumes, um país de céu azul e sol tem sempre razão contra um povo de névoas e de chuvas? Acaso podiam os deuses ter mais consideração pelos germanos do Báltico do que pelos latinos de Capri?

Mas a estas tristes coisas pode levar a parcialidade política; o republicanismo de Tácito o cegou tanto que o arrastou a preferir alemão; a não ser, o que também é possível, que seja tudo pura invenção dos comentadores nórdicos; sem jôgo de palavras com o Norden.

Seja como fôr, ficou ali assente pelos dois carnífices que todo o esforço da filologia clássica alemã, fora no que tem de arrumação de casa ou de fazer funcionar a informação com a precisão e a comodidade de um Pauly-Wissowa, onde está tudo exceto o inventar, incidiu nisso mesmo: em proporcionar, numa Grécia de maravilha romântica, uma evasão das realidades germânicas ou um lavar-se do remorso de continuar nos tempos modernos, com muito mais segurança, o esmagar de originalidades vitais que o dórico, acho que foi o dórico, descendo, tão eficientemente iniciou no Mediterrâneo oriental. Creio que neste ponto foi o Agostinho mais arrastado pela rigidez de vistas do J. J. do que por suas próprias paixões; mas a verdade é que ficou tudo arrasado, desde o pobre do Winkelmann, e como lhe glosaram a morte!, através de tôda a gente que tem passado pelo *Rheinisches Museum* e outros órgãos ilustres, até um coitado qualquer que, possivelmente para comer, tem levado seu tempo a comentar os fragmentos de um dramaturgo pelo qual dou pouco e o público do tempo dêle decerto muito menos.

De Itália e França nem vale a pena falar. O menos que disseram da filologia clássica da última foi arrastá-la à volta de três motivos: o primeiro, o de se necessitar original para a *Revue de Deux Mondes*, e aí se fêz o desprezador enterrro de Boissier, que nem sei se colaborava mesmo na revista; o segundo, o de tomar vingança da guerra de 70 e de 14, defendendo o gênio latino dos ataques germânicos; o terceiro o de provar que foi a Grécia cartesiana, cobrindo por aí a traição que a França fêz a si própria quando voltou as costas a seu século XVI e se lançou tôda nos braços de Boileau. Como foi isto a tempo que passava quase na linha do horizonte, mas se inclinando ao rumo de Sergipe, uma alvarenga, das últimas que ainda põem por êstes mares um vojar de vela, e muito mais me interessa navio que filologia, deixei que passasse sem protesto o ataque a Boileau; não por causa de mim, propriamente, mas porque é, acho eu, o único autor francês que nosso Tenente-Coronel Mourão sabe de cor e gosta de citar quando conversa. Olhando o navio me fugiu o pensamento para Timor e o Amigo distante, o que me não deu muito ensejo de atentar neste Sédan em que novamente a França mergulhava na mais irremissível das derrotas. Mas sempre arrisquei:

— Mas vocês não andaram na Sorbonne? Vocês não andaram no Collège?

— Antes não tivéssemos. Por mim escrevi muita bobagem à conta disso disso — replicou J. J. E calou-se olhando o outro, não ousando afirmar-lhe o mesmo a respeito.

Não sei se esperava silêncio, mas silêncio teve. Só, porém, decerto, porque já Agostinho se lançava sobre a Itália acusando-lhe a filologia de ser apenas um esforço de passar aos olhos do mundo como descendente do Império. Uma busca de fidalguia, como se não tivesse havido as invasões tôdas e como se não fôsse exatamente na Itália que se guardou o mínimo de tradições romanas; um pavonear de antepassados inteiramente falho de adesão íntima, de ressonância de alma e de qualquer propósito construtivo. Uma filologia assente na boa qualidade do ensino secundário; liceu, liceu e mais liceu. Detiveram-se um momento como que cansados de chacina, o que aproveitei eu para intervir.

— Bom, vamos supor que é tudo assim, e vamos ainda agravar as coisas dizendo que todos os filólogos alemães, franceses, italianos, ingleses, ou os seus representantes do Missouri ou da Califórnia, são isso mesmo que vocês disseram: uns pedantes, ou uns evadidos, ou uns estreitos racionalistas ou uns fantasiosos fidalgotes. Em que impediria isso que em Portugal, Brasil e até na Espanha, em que mal tocaram, tivesse havido autêntica filologia clássica? Quem sabe se até limpa dêsses males.

— O ponto não é isso, Mateus-Maria. O ponto é que em terra de língua portuguêsa e espanhola não se tem feito outra coisa senão macaquear a filologia de além Pirineus ou além Alpes; o mesmo latim no ensino secundário, as mesmas línguas clássicas nas mesmas Faculdades de Letras, os mesmos mestres procurando produzir os mesmos livros e as mesmas revistas. De resto, exatamente o mesmo que se fêz com a história e a literatura, ou mesmo que se fêz com a matemática e a física. Não temos sabido senão copiar escolas estrangeiras e mentalidades estrangeiras. Nunca se fêz um esforço para se ser o que se era.

— É bom dizer aqui ao nosso Mateus-Maria que tudo isso estaria muito bem se fôssemos iguais a êles; poderíamos hoje, pelo menos, apresentar uma produção que equivalesse à dêles, que pudesse ser considerada excelente pelos critérios dêles, embora pudesse não o ser pelos nossos. Mas o pior, Agostinho, é que a coisa é ruim mesmo e de clima de estufa.

— Claro. Temos filologia clássica como podemos ter batata doce no Polo Norte. Simplesmente o que fica é isso: que somos diferentes e não é do nosso interesse procurar nos clássicos exatamente o que êles procuram. Temos problemas sérios demais para que fiquemos jogando cricket, somos

ricos demais para que nos regulamentem franceses, somos mediterrânicos demais para que tenhamos de fugir das brumas, somos demasiado virados ao futuro para que nos prendam muito, fora da insipidez patriótica, as glórias ou o que de glórias se chama que tenham vindo a nós de passado perto ou de passado longe.

Tem êste homem bastante arte dos sofismas para que possa logo alicerçar uma teoria. Mas a verdade é que não sei se na que fabricou naquela praia não haveria uma grande parte de razão. Para êle, como já tem posto em vários escritos, o mundo se divide em duas grandes categorias, a dos indo-europeus, e não sei se às vêzes não alarga o conceito demais ou não atribui exclusivamente aos indo-europeus muita coisa que também é de outra gente, e a dos mediterrâneos, em que entra tudo, de ibero e de fenício, e alguma coisa mais que tudo, pois que nêles mete os latino-americanos, os africanos, os da Ásia do Sul, sendo que Ásia do Sul, para êle vem de Mongólia pra baixo. A grande diferença entre os dois setores estará, então, nalguma coisa que não é língua, nem raça, nem geografia, pois de outro modo seria impossível entender fôsse o que fôsse. Colocar o equador entre razão e intuição seria também difícil, mais sobretudo pela complicaçâo de definir os têrmos. De modo que ficaremos no que êle disse uma vez: que a diferença essencial está em que o indo-europeu vê a razão não apenas como um dos espetáculos do mundo, mas como o seu organizador e o seu critério. O indo-europeu não se limitou a verificar a existênciâa da razão; utilizou-a para a prática, serviu-se dela para tornar fácil o universo, fácil à sua manipulaçâo, entende-se. Passou-se com a razão o que se passou com a pólvora: chinês, se foi ele, descobriu-a e dela fêz fogos de artifício; europeu utilizou-a para demolir rocha e lançar bala.

— Quando o indo-europeu veio para o sul o que encontrou foi Mediterrâneo, que vivia na contemplação, na integraçâo, numa irmandade com o mundo, que, embora muito diferente do que possa ter havido antes da Queda, existia ainda. Chegou, destruiu-a, e é isso que significa ter um homem de Atenas matado o último ser que era metade gente metade bicho, e instalar, sôbre o universo que fôra, um outro que deu cidade-estado, filosofia, política, geometria, exércitos, direito, tabeliães e escolas. Não a destruiu, porém, igualmente; os que lhe sofreram mais violentamente as fúrias foram os coitados dos cretenses; polvo se enrolando à volta de vaso deu lugar a teorias de heróis; gato se esquivando entre caules e neles se acariciando como bom gato foi substituído pelo cão que se deita à entrada das casas e reconhece Ulisses; príncipe de lírios nunca mais houve. Mas houve Mediterrâneo que escapou, e que até de Romanos durante muito tempo se conseguiu livrar; vejam vocês que, mesmo depois, foi o único lugar em que touro foi considerado como digno de competir com gente.

Ou gente considerada digna de competir com touro, por não a verem apenas como matéria prima de soldado, jurista ou escrevente de repartição. Sucumbiu Creta; sucumbiu Sicília; sucumbiu Sardenha; sucumbiu berbere; só Espanha não sucumbiu, e ainda fêz mais. De certa altura por diante, e enquanto valeu a pena, tomou Roma e aproveitou de Roma o que valia: a universalidade da língua; o critério de paz dentro de fronteiras; a concepção de um direito das gentes; a formulação básica da república; a impaciência perante a tirania, e disso deixou como testemunho ter sido em grande parte dos Barcas, os últimos mediterrâneos, e opor-se ao indo-europeu, ter incendiado Numância ou ter lutado à voz de Viriato, ou ter ainda conservado o basco como língua viva; tomou o máximo de Roma, mas sem os vícios. E, quando a Península parte para a emprêsa dos Descobrimentos, o que ela leva no bojo dos navios é a exata mistura de Roma e Mediterrâneo que teria, se vencedora, lançado sobre o globo a mesma paz que, pelo Império Romano, teve o sul da Europa durante quatrocentos anos.

Percebi a seguir duas coisas: como história é fácil quando a explicam traçando riscos na areia sob o murmúrio das folhagens altas e à beira de um mar como aquêle mar; e como falhou a empresa dos descobrimentos porque a Península, com o impulso de Roma, alargou a obra romana no sentido leste-oeste, mas não corrigiu a grande falha da história de Roma: a de não ter conseguido afirmar o Império no sentido Norte-Sul. Gente do Mar do Norte e gente do Báltico ficou à solta e de novo caiu sobre o Império uma segunda invasão de bárbaros. Mas seria só isso? Assegurou-me logo que não era só isso.

— O indo-europeu não se desenvolvera bastante para que a sua missão se pudesse considerar cumprida; não havia ainda, apesar de tudo, direito verdadeiramente internacional; nem o conceito de nação; nem a física; nem o motor de explosão; nem a impassibilidade do universo físico nem as fôrças internas de desagregação se podiam considerar vencidas. Nem se encontrara, com a América do Norte e a invenção do puritanismo, os meios ideais para que o indo-europeu pudesse dar de si todo o rendimento de eficiência e de organização que lhe estava nas entranhas nem se pusera em prática com os eslavos a receita econômica, puramente indo-européia enquanto econômica, embora tingida de messianismo mediterrânico no filosófico ou no político, que poderá tornar mais fácil a elaboração de novos mecanismos. O mediterrâneo que os portuguêses levaram consigo serviu para muita coisa, entre outras para que pudesse Brasil ter pôsto para fora ocupantes de Holanda e de França, livrando-o por aí de se meter pelas dificuldades sem saída em que entrou a civilização americana; como o mediterrâneo espanhol lançou fermento em áreas de América que, de

outro modo, apenas teriam hoje, para apresentar, a docilidade, a subserviência e o fatal estatismo de seus índios. Mas faltava o máximo de Roma.

— Mas o importante para nós, hoje, é saber se êsse desenvolvimento de Roma já atingiu o máximo ou não e se o mediterrâneo poderá vencer ou não.

J. J. foi logo afirmando:

— Pode. Não tem dúvida, pode.

Agostinho foi muito científico e muito moderado:

— Parece que pode. Vejam vocês como os de mais antenas percebem que se está numa das tais viragens da história. O cristianismo foi essencialmente mediterrâneo no seu início, mas logo entendeu que não poderia triunfar e expandir-se se não aceitasse os maquinismos indo-europeus; o cristianismo foi logo de princípio católico, no sentido universalista, e apostólico, no sentido de missionário; mas só o ser romano lhe deu vitória, já sabemos que com sacrifícios, e com que sacrifícios. Com os Papas do Renascimento ia voltar a ser mediterrâneo, mas a revolta protestante o lançou de novo nos caminhos de avançar sobre o mundo, embora jungindo-o ao juro, ao centralismo cesarista e à exploração do assalariado. Mas vejam vocês o que sucede hoje, como se fala de ecumenismo e como parece que a hierarquia cada vez mais se desvincilha do indo-europeu, geograficamente e socialmente. Roma está terminando sua missão: vem aí a produção automática; vem aí a limitação cada vez maior dos poderes dos Césares; vem aí a adoração de um Deus de muitas e diversas linguagens, como é que diria o Fernão Lopes, de muitas e desvairadas linguagens; de muitas faces, e até de face alguma; de muitos templos e até de nenhum templo. Agora, verdadeiramente, terá a Casa do Pai muitas mansões; e serão as mansões dos filhos pródigos.

— Não digo que concorde com tudo isso — interrompi eu, um pouco receoso de que o homem, embora não seja isso muito de seu hábito, se metesse descuidadamente para a oratória. Mas temos já aí um par de idéias e conviria talvez fazer o ponto. Uma é a de que a nossa filologia clássica não vale nada; outra a de que os que fizeram boa filologia clássica, talvez com exceção dos ingleses, são puros bárbaros que só seguiram Roma na sua eficiência indo-européia, mas aos quais falta tudo que o Mediterrâneo, agora alargado por você a quase todo o mundo, deu a Roma ou guardou para depois de Roma; vem pelo meio a idéia de que a nossa filologia é ruim porque tem consistido, como muita outra coisa, numa imitação sem

espírito do que os outros fazem; parece poder concluir-se que, ou não temos que fazer filologia clássica nenhuma ou a devemos fazer, senão com métodos novos, pelo menos com novos objetivos.

— Até com métodos novos. Mas pelo menos com novos objetivos. Grécia e Roma foram andaimes que serviram para construir ao mediterrâneo o mundo perfeito para que se possa expandir, dar tudo o que lhe está em promessa e, remontando o tempo, só que cheio de novas possibilidades e da riqueza que é o lembrar-se, ir além das quedas e reconquistar o Paraíso. Se é que se reconquistam Paraísos. Se Adão um dia voltar como deve as espadas de fogo se desfarão em luz.

— Deixe o Paraíso. Volte à Grécia.

— Pois bem, o que nos interessa na Grécia é duplo: mostrar que tudo o que fêz o realizou num sentido de pura organização política, sobretudo com a filosofia e o ligeiro direito. Mas arte foi também política porque se preocupou sobretudo com um ideal humano. E como são políticos os seus deuses.

— Tragédia também política?

— Porque não? Só que nesse ponto os gregos não conseguiram encontrar fórmulas de vitória; limitaram-se a expôr os casos, sempre trágicos, do encontro do homem e do destino; resolver o problema era tarefa que exigia demais do político. Parece-me que o G. B. M. tem razão quando escreve aquilo de que vencer destino exige abolição de política e só poderia, portanto, ter sido resolvido pelo cristianismo, o oriental, entende-se; apenas, existe o mistério dos mistérios e aqui se levanta a outra meta da nossa filologia clássica, do que deveria ser a nossa filologia clássica. Temos que por bem claro êsse papel político da Grécia, marca do invasor; mas temos de nos descobrir ou nos reconhecer no invadido e temos portanto que pesquisar e registrar tudo quanto seja vestígio do que foi possível sobreviver do mundo que os Gregos subverteram; quando o direito acabar, quando a filosofia acabar, quando a arte acabar, é nesses fundos que nossos pés têm que ficar firmes. O que temos que fazer com Grécia é isso mesmo: arquivá-la em política e, numa arqueologia em todos os sentidos, desenterrar o universo que ela recobriu. É por isso mesmo que me parece perfeita a orientação do Eudoro e queria levar êste homem aqui para Brasília. Mas parece que não vai mesmo.

— Vocês têm por lá mar? Não têm. Vocês têm por lá coqueiro? Não têm. Vocês têm por lá êste calorzinho que nunca deixa a gente trabalhar demais? Não têm. Que vou eu fazer para Brasília? O mais que você conseguirá de

mim, já que tem a mania da organização, o que faz com que você seja um mediterrâneo muito engraçado, porque além da mania tem o jeito, é botar-me em S. Félix, com o Roberto, e fazermos lá um de seus Centros. Do resto nem esperança.

E, como para afirmar mais a sua resolução, deitou-se de todo na areia e ficou a olhar as ramarias, já mais se balouçando no ventinho que principiava a refrescar.

— Não sou mediterrâneo engraçado coisa nenhuma. Dentre os mediterrânicos, sou ibero, rapaz, como você e como o Mateus-Maria. Mas talvez em mim ainda seja bastante grande a dose de Roma.

— De Grécia, vimos — voltei eu —: arquivada sem apêlo e revolvida pela arqueologia. E de Roma? Que faz você de Roma?

— Não faço nada. Nós somos Roma. Falamos latim. Levamos a língua para uma coisa que vai desde o Acre às Filipinas, e pode dar a volta por qualquer lado. A tal missão leste-oeste de Roma nós a cumprimos de tal maneira que foi possível a viagem de Magalhães. E daí tiraram os bárbaros tudo o que era necessário para seus avanços técnicos. Mas somos uma Roma que, porque lhe completamos a tarefa e porque temos no sangue Mediterrâneo e porque encontramos por toda a parte povos que do Mediterrâneo eram e são, pode agora destruir ela própria os andaimes. Tudo está, porém, dependente de que, com este Brasil, vamos além de Roma e tracemos o eixo norte-sul. Vocês sabem de uma coisa? Tenho pensado várias vezes que é este o significado real de ter Brasília um eixo administrativo leste-oeste, fiel a Roma, e um eixo norte-sul de residir porque só isso fará que o mundo passe a ser um lugar realmente habitável.

— E você acha que os arquitetos pensaram nisto?

— A poesia talvez consista em não pensar o que daí por diante será pensável.

— Bom, deixe lá a poesia, continue com Roma.

— Com Roma temos que ver o que lhe foi política, exatamente como para a Grécia, e o que lhe foi técnica, que a Grécia nunca têve, ou têve mal. Temos, ainda como para a Grécia, de pesquisar o que ficou recoberto de Mediterrâneo e, no nosso caso particular, sobretudo o que foi Espanha. Isso é o passado. Quanto ao presente, são duas as tarefas. Primeira tarefa: tomarmos nela consciência do em que somos Romanos e, através dos Romanos, do em que somos Gregos, isto para que saibamos bem como são

os andaimes, onde estão os andaimes e como desmontaremos os andaimes. Segunda tarefa: tomarmos plena consciência do em que somos espanhóis e da irmandade que temos com índios, negros e amarelos, ou malaios; estarmos preparados para reconhecer o nosso Mediterrâneo no Mediterrâneo dêles; termos a audácia de levar êsse Mediterrâneo aos nossos amigos hiperbóreos.

— Você acha isso possível?

— Primeiro, acho que não há outro caminho para a história. E, não havendo outro, êsse é o possível. E não é o que está acontecendo de uma forma desorganizada e como sem consciência? Quem está pagando a invasão do indo-europeu no Mediterrâneo, ou antes, as duas invasões, a da pré-história e a da Idade Média? Não são os trabalhadores do Mediterrâneo? Não teve a Suíça de construir uma praça de touros? Não há tôdas as noites da Alemanha briga de italiano? Não avançaram os nossos sôbre Paris? Não está a Europa caindo nos vícios de prosperidade econômica que deram em parte a grande imigração dos bárbaros? Não vi eu grego e italiano na Austrália...

Aí o temos com as viagens.

— ...impondo as suas comidas nos restaurantes, já passeando pela rua chinelo e melena? Tudo isso é o comêço do fim, rapazes. Só que êsse fim precisa de ser organizado e acelerado. E é à América Latina, ou Romana, que cabe fazê-lo. Só nós poderemos resolver o problema do negro nos Estados Unidos; só nós poderemos pôr à vontade a consciência de um povo que tem a mania de trabalho de um puritano e vê a automação tomar-lhe conta de tudo; só nós podemos dar-lhe a noção de que história se faz por si própria sem esfôrço nosso e que a nossa única obrigação quanto ao rolar do mundo é não impedir que ele role. Vocês sabem? Acho extremamente importante que se aproveitem ao máximo as bolsas de estudo para êsses países; mas não para voltar aprendendo América, até no falar trazendo os modismos dêles; para voltar tendo missionado na América. Até agora de lá vinham missões cristãs para os Papuas; missões cristãs do cristianismo de Roma, daquêle cristianismo que se estabeleceu quando o Papa substituiu a César; é tempo agora dos Papuas mandarem missões à América para pregar o cristianismo mediterrânico, o que aconselhava que se contemplassem os lírios do vale, o que punha as crianças como modelo de perfeição e o que tinha pelos Césares aquela equilibrada mistura de desprêzo e compreensão que fazia pagar o tributo sem nêle demorar nem recusa nem adesão. Todo o português ou todo o grego, todo o brasileiro ou todo o peruano, e êstes são muito mais importantes, têm o dever de pagar

a técnica que aprendem com o ensino de que a vida está para além do trabalho, da construção e do código. Até se devia procurar que lá fosse gente que não perdesse tempo algum com o aprender e fôsse só para ensinar. O aprender devia ser ao contrário. Bolsas aos americanos para virem ao Brasil aprender que a riqueza não é marca de que Deus está conosco.

— Amigo, isso é política, não filologia. Volte à filologia. Se tudo o que temos feito está errado, diga o que se deve fazer.

— Pôr tôda a gente que tenha alguma espécie de interesse por grego e latim, não a fazer dissertações que seriam talvez muito bem classificadas nas Universidades de lá, mas a pôr em português os textos que permitem tomar consciência de que somos Romanos, mesmo no que os Romanos tomaram dos Gregos; é preciso que todo o jovem de nossa língua possa ler os chamados clássicos, sem ter a dificuldade de penetrar o original. Convém em segundo lugar que os matemáticos, os físicos, os biólogos, os administradores, sobre os quais repousa o eixo do desenvolvimento, e vocês já sabem que desenvolvimento para mim é poder trazer mediterrâneo à superfície, tenham idéia de que as bases de suas ciências ou de suas técnicas estiveram na cultura greco-latina, poupando-nos o espetáculo de sua ignorância e tomando alguma consciência de sua pequenez histórica como continuadores e de sua grandeza se contribuirem para que o mundo recoberto renasça; é preciso que leiam os seus clássicos, os seus Euclides, os seus Teofrastos, os seus Aristóteles, os seus Plínios, os seus Vitrúvios, os seus historiadores, e que bons manuais lhes façam abarcar os conjuntos. Sei que para fazer bons manuais é preciso saber tanto quanto para teses de doutoramento e que é preciso juntar à ciência modéstia: mas talvez não seja demais exigir uma e outra coisa dos nossos mestres de classicismo.

— Se tivesse dinheiro, o que eu fazia era um museu dessa filologia. Ler não lêem. Era melhor que vissem — aventou J. J.

— Talvez se faça.

— Em S. Félix? — e fui involuntariamente irônico.

— Não, S. Félix não é para o que foram Grécia e Roma. S. Félix é para reconhecer o Mediterrâneo, o tal que nos trará a arqueologia, naquilo que ali está vivo. Recoberto por nenhuma terra, a não ser a que o deslumbramento por Nova York ou Paris lhe atiram por cima. Patente ao céu de luz, ao rio de espelho, aos reclinados morros. Ali está o descanso mediterrâneo de se sentir envolvido na atmosfera das coisas, como se uma

delas se fôsse, ou elas se tivessem animado a um sôpro humano; ali está a harmonia de não haver conflito entre o que se pensa e o que se vive; ali está a reencontrada paz de consciente e inconsciente se fundirem num todo de que há tempos e tempos perdemos lembrança até; ali está o segredo que fará que nunca mais suponham os psicólogos, mesmo os melhores, os que não procuram em rato espírito de homem, ou centelha de Deus, que o mesmo é, que o espírito humano se foi constituindo pouco a pouco, na experiência do mundo; ruptura, sim, isso se deu: e o que chamamos consciência é apenas destrôço do espírito. Cabe-nos reconstitui-lo. S. Félix não é para se saber que a machadinha de dois gumes existia no Mediterrâneo: é para saber que existe no Recôncavo; não é para saber que bucrôneo foi micênico, é para descobrir que ele está como era, nas nossas cérkas. Tudo à espera de que o vejamos e o promovamos; em nós, conosco, na nossa terra. E nossos sábios sonhando com Heidelberg e com o Ph. D. em Harvard. Segunda parte da nossa filologia clássica: descobrir o Nordeste e verificar nêle o Mediterrâneo.

— Assim sendo — concluí eu — roguemos aos deuses, se possível mediterrânicos, que ninguém nos descubra e nos meta no hospício.

Rosnaram um Amém meio sem jeito; mas animaram-se bastante depois, num dos barzinhos, com casquinho de caranguejo e batida; ou batidas.